

## 5.

### Considerações Finais

O que temos em mãos, chegada que é a hora de encerrar o trabalho? Redações analisadas por viés diferente do que habitualmente nós, professores de Português do EM, temos praticado. A diferença se mostra principalmente na quantidade de meios empregados, para que se descobrisse presença plural de argumentabilidade, em meio à funcionalidade geral, ampla dos textos, e não apenas pelos “porques” causativos, explicativos.

Pode-se registrar sucesso nesta empreitada? Acredito que sim, pois, com exceção de ‘erros’ gramaticais de ortografia, acentuação, não concordância do sujeito com o verbo, repetições um tanto enfadonhas de mesmo léxico e mesmo orações construídas com problemas de coesão, não atrapalhando a coerência, as redações apresentam enunciados pelos quais nos convencemos, nós leitores, de que favela ou é ou não é lugar de bandido.

E respondo assim a primeira pergunta maior deste texto, que é a respeito do modo como as alunas usam a argumentação com o intuito de convencer o leitor a respeito do ‘sim’ ou do ‘não’ iniciais de sua redação. Elas convencem menos pela fraseologia, do que pela argumentabilidade que foram produzindo, na montagem de ordem crescente dos fatos, na refutação ou no emprego de técnicas de persuasão, de empatia com o leitor, como foi mostrado em meio a outros recursos. Ao dizer que as alunas convencem não quero que isto fique restrito ao fato de serem iminentes professoras, mas ao de serem do EM. As duas situações convivem lado a lado.

Na progressão textual está o maior problema destas redações. As alunas não sabem redigir coesivamente enunciados de uma redação ainda, pecam por omitirem aqui e ali um conector importante que muito auxiliaria o leitor na sequência oracional do pensamento. Associo minha interpretação à falta de leitura no EM, que auxilie o jovem estudante a construir orações, a ter léxico maior do que aquele com que conta para redigir, a aprender a ligar um pensamento ao outro por meios gramaticais de escrita.

E aqui entro na resposta à segunda pergunta: de que modo as alunas conseguem (ou não) construir o discurso de sua experiência?

Esta é uma das principais questões da escrita do EM: ela ser atraente, isto é, suas orações paulatinamente irem tomando uma textura tal, que o leitor encontre no texto que

se forma algum tipo de identidade, de interesse despertado com o que lhe está sendo transmitido. Textos neste nível de escolaridade têm apresentado na maioria das vezes uma estrutura fragmentada, pondo a perder frequentemente parte do sentido. Essa perda de unidade coesiva foi freqüente nestes textos, mas o sentido não se perdeu geralmente.

É bom lembrar que a escrita não conta com diversos recursos que a língua oral tem. Por isto, fazer o leitor ler um texto como se ouvisse uma fala pode ser uma empreitada a deixar resultados insatisfatórios.

Ainda me atendo à segunda pergunta, podemos dizer que a variação dos processos verbais sem dúvida ajudou a que as alunas mostrassem que conseguem construir linguisticamente o que têm a dizer ao leitor acerca do tema proposto. De algum modo acham-se envolvidas com favela, seja como moradoras, seja como estagiárias ou professoras de escolas lá erguidas, seja como leitoras do que as mídias têm dito sobre tais territórios injustamente diferenciados por toda a sociedade.

Creio que o que mais convida o leitor a continuar na leitura são os argumentos, a argumentabilidade espalhada de forma diversa e geral pelos textos, começando pela posição inicial de “sim” ou de “não” da autora. No caso particular destas redações, de terem sido escritas por futuras professoras, soa, de certa forma ousado, elas se posicionarem com esse “sim”, parece que vai contra o princípio maior que as torna professoras, que é o respeito ao próximo acima de tudo. Entretanto, todas deixaram claro que favela não é lugar em que só moram bandidos, mas bandidos costumam morar lá, impedindo paz a moradores e trabalhadores.

A terceira pergunta é se estas alunas estão preparadas para o trabalho de professoras de crianças do Ensino Fundamental, realçando-se o letramento que terão de desenvolver, imbuindo com ele todo seu trabalho. No meu ponto-de-vista, não estão preparadas ainda para exercer a profissão de professoras, pois têm muitos problemas na expressão formal da linguagem, quanto à clareza, apresentação do texto na escrita, supostamente na fala também. Não dominam o dialeto padrão, o qual, como afirmei antes, é o que a escola quer que seus alunos aprendam e com ele vão para a sociedade do trabalho, como futuras professoras. Sua escrita deixa a desejar em questões mínimas tratadas pela gramática, como acentuação, pontuação, etc. Ora, uma professora terá de ser mais completa neste sentido. Não deve temer a palavra, seu instrumento de trabalho. Ela comporá suas aulas e relações com o mundo social de suas crianças: “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” (Bakhtin, 1979, p. 22).

Em “Anexos”, coloquei os outros textos redigidos pela outra metade do grupo presente naquele dia de redação. Como disse antes, os vinte textos têm algo em comum, que é o estilo fragmentado, de frases entrecortadas por ideias vindas de abrupto, e não da sequência disciplinada do pensamento. Textos que não fizeram parte desta pesquisa mostram a aluna tendo dificuldade de escrever palavras do cotidiano, fato que se deu também em algumas dentre as dez que foram usadas nesta dissertação.

A normalista deverá ir para uma sala-de-aula sabendo que a linguagem de seu aluno precisa dela, como professora, para se ampliar, tornar-se mais abrangente paulatinamente, dominando áreas diferentes do saber humano, firmando sua consciência de mundo e erguendo sua subjetividade. Mas, como ela se dará esta missão, se ela mesma tem uma linguagem restrita ao que seus olhos veem, ao que seus pensamentos aventureiros ousam firmar e logo adiante substituir por algo novo? Não se trata de ela não ‘errar’ quanto à grafia apenas, por exemplo. Mas, de expressar um pensamento de forma coesa: é o mínimo que se pode pedir a uma futura professora, como também a qualquer aluno do EM. Expressar-se funcionalmente, em interação com a leitura de palavras em livros, com a leitura do mundo dos diversos fenômenos ao redor, com o interlocutor erigido pela dinâmica da própria comunicação consciente.

Sugiro que o ato de escrever em aulas de Português, a conhecida aula de redação, seja valorizado como momento de intimidade entre o aluno e sua linguagem. Não apenas entre o aluno e aquele texto prestes a ser feito, mas, orientado devidamente, a ser instanciado prestigiado pelo professor, anunciando os diversos regalos que tal ação trará ao aluno, que é a formação de sua consciência, de sua subjetividade, de sua interlocução, como também da capacidade que tem de argumentar, de convencer, de persuadir, de ser empático com seu interlocutor, empregando verbos diversos, em processos enriquecedores do texto, erigido coesivamente.

É trabalho longo este, mas pode ser feito, pode ser avaliado constantemente, produzirá efeitos concernentes a produtos de linguagem:

quais as funções básicas da linguagem, com relação ao ambiente em que vivemos, em que nos relacionamos com os outros? Sugerimos duas: criar o sentido de nossa experiência e reproduzir nossos relacionamentos sociais. (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 29).

A escrita, desta forma, torna-se imprescindível ao aluno do EM. Ela refletirá o que ele pensa e o tornará suscetível ao que os outros pensam: a linguagem reflete e refrata, assegura Bakhtin (1979, p. 18).

É ao professor que cabe esta tarefa, a da escrita, que não deve se dar apenas no EM, mas desde as primeiras séries. O professor é seu grande tutor. Ele deverá saber que a escrita de seu aluno só se desenvolverá de fato se lhe forem acrescentados imprescindíveis componentes, que a estrutura escolar tem deixado de lado, que é a questão do ensino da gramática com vistas à oração, ao funcionamento da língua em interações múltiplas; e a formação do léxico, através de leituras as mais diversas, a começar pela implantação nas escolas de bibliotecas que interajam com os alunos e não sirvam de depósito de livros apenas.

A gramática, voltada para a língua em uso e a ampliação do léxico (estes dois termos estão em Halliday & Matthiessen, 2004, p. 43), por meios supervisionados pelo professor e pelo próprio aluno, refém de uma consciência produtiva, sem dúvida mudarão o cenário de muitas aulas de ensino de língua materna no EM e ajudarão este ciclo estudantil a sair dos dados ruins das estatísticas midiáticas.